

A SEMANA

JORNAL LITTERARIO, SCIENTIFICO E NOTICIOSO.

Director — F. M. Raposo d'Almeida.

Vol. I.

DOMINGO, 17 DE AGOSTO DE 1856.

N. 35.

PARTE LITTERARIA.

Bellas-Artes.

A architectura que é a arte de compor e de erigir as construcções necessarias á vida publica e particular, é considerada ainda hoje em todas as nações cultas, como a arte soberana á sombra da qual se desenvolvem todas as outras bellas-artistas que sem ella não podem florescer.

Mas esta consideração que os povos civilizados tributam a esta arte poderosa que, reunindo todas as regras da belleza e da estabellidade, vai gravando, em cada dia, os novos hieroglyphicos com que leva á posteridade os feitos e acções illustres, não começou ainda entre nós, nem mesmo entre a alta sociedade. E é por isto que, mau grado todos os esforços de alguns artistas amantes da sua arte, não tem podido a architectura estabelecer a primeira pedra do edificio da sua nacionalidade, propagando-se apenas sob um caracter ridiculo e vergonhoso, que admittido como o unico possivel, impede toda a concepção grandiosa e util, toda a innovação intelligente e progressista.

Uma multidão de constructores as mais das vezes analphabetos, tomando a si o titulo de architectos, sem possuirem nenhuma das qualidades precisas para esse encargo, tem lançado a architectura em um abismo de vergonhosos abortos, de absurdos inqualificaveis que são hoje a causa da opinião pouco vantajosa em que são tidos os artistas, que exercem com dignidade e honra a nobre profissão de architectos.

Além d'isto, a necessidade de conhecimentos positivos que pede a architectura, o que não exige nenhuma outra bella-arte, acanhando o numero de mancebos que pobres a ella se hão entregue, tem facilitado um pouco o apparecimento d'essa horda de parasitas que sem pejo ou dó vão sacrificando a vida e a fortuna dos nossos proprietarios, n'essas edificações bastardas que assassinando a arte lhes vão corrompendo assim o bom gosto que por ventura tenham, com o costume de verem sempre reproduzidos esses disparates da sciencia, ou da ignorancia.

Quem ha por ahi que não tenha visto anachronismos, extravagancias e lorpismos, que amedrontam e envergonham a qualquer operario de bom gosto?!

As impiedades multiplicam-se constantemente, e não ha hoje rua que não possua alguma edifica-

ção em que não se veja com o maior desplante, frontões ou empenas collocadas sobre os acroterios — ou *plati-blandas*, e para cumulo de males semelhantes a grandes chapéos armados!...

Com esta liberdade artistica, inimiga do — bello — o sapateiro, o pescador, ou fanqueiro a quem a sorte não favoreceu na sua profissão, emigrando da passada vida, se constitue á *face das leis* constructor, architecto e engenheiro, edificando a seu bel prazer casas e monumentos dignos da civilização dos botocudos.

E o pobre architecto que tem sacrificado sua vida inteira ao estudo da sua arte, ahi vai vivendo abandonado, ou para melhor dizer, expulso do seu mister para o qual applicára todos os seus recursos.

O desenho, a perspectiva, a geometria, a mecnica, a stethica, a historia, etc. conhecimentos necessarios ao architecto, são aqui dispensados pelos proprietarios que preferem sempre as opiniões e regras dos senhores *mestres* aos pobres pareceres d'aquelles que hão passado a vida sobre os livros que além de tudo lhes tem ensinado a amar a gloria, aconselhando-lhes o desinteresse e a probidade como as essenciaes virtudes de um artista.

Por estas razões, que o desconhecimento em que vivemos autorisa, está a capital do Imperio adornada de enfeites de mau gosto, como a aldeã que se atavia com as galas da festa em dia de lucto.

A simplicidade grega é despresada para se acolherem os devaneios do acaso e os caprichos irreflectidos das imaginações incultas.

Algumas palavras de um illustre sabio o Sr. barão Dupin, justificam perfeitamente o que dissemos. « *L'art de profiler les édifices, doit sa perfection à l'observance fidèle des lois de la simplicité, de la variété et du contraste.* »

Esta verdade que hoje enunciamos ja não é a primeira vez que a escrevemos, mas as observações e pareceres só tem valor quando firmadas por algum nome protegido ou visivelmente afortunado; e ai d'aquelle que fora d'estas condições levantar a voz em beneficio de uma classe ou do paiz, porque ahi está a calumnia armada com seu sceptro de lama para postergar toda a reputação honesta e respeitavel.

A confraria monopolisadora ahi está tambem em campo como outr'ora a dos jesuitas, derrubando o que apparece fóra da sua orbita, calcando toda a planta que quer germinar á luz do sol vivificador que abrilhanta o céu, e dá vida ás flores.

A pequena andorinha que começa a experimentar seus vôos, que busca preparar seu ninho, mal póde pensar que a ave de rapina afia sobre a cus-

pide do alcantilado monte o bico com que deve espedaçal-a.

E assim vai tudo. O artista imberbe que deixa o banco das academias, bisonho da perversidade humana, cheio de entusiasmo, atira-se ao trabalho com o ardor de um atleta que já conta com a victoria, e por fim nada conquista.

O desanimo vai lavrando de dia em dia, como um cholera devastador, e a mocidade que exultava cheia de aspirações, ahí vai caminho da descrença, sem brio nem dignidade, amando a corrupção somente como a fonte de todos os gosos.

A juventude que não repelle as indignidades da negociação da consciencia, é o emblema do cynismo da barregãa adornado de todas as vestes da prostituição.

Alerta pois, oh mocidade! É tempo de levantarmos a fronte para o céu, aonde se desenrola o estandarte da virtude que aponta o trabalho como o symbolo medianeiro de toda a grandeza humana.

A nossa frente está um mancebo ainda, a quem o destino entregou as chaves do poder, coragem pois, unamo-nos com elle, rodeemos o seu carro de triumpho, e levemos este Imperio á altura de que é digno, para que ao menos os nossos filhos, contemplando o passado, possam saudar nossos nomes orgulhosos da sua ascendencia e da patria que lhes preparámos.

F. J. BITTENCOURT DA SILVA.

De S. Paulo á Curitiba.

RECORDAÇÕES DE VIAGEM.

Disse a baroneza de Stael na mais immortal das suas obras a CORINA, que era uma cousa bem triste o viajar; porque as pessoas que encontramos, e os logares que percorremos não tem relação alguma com a historia do nosso passado. Como definiria, porém, essa mulher de engenho varonil a dolorosa saudade com que nos apartamos de um logar, que vizitamos por curiosidade, mas com o qual sympathizamos porque ahí nos bateu o coração, porque ahí sentimos sensações cuja lembrança só expira com a vida, e que enfim temos de dar um adeus a esse logar, onde nos ficam tantas e tão profundas affeições, um adeus que é bem tremendo na sua significação, porque o reputamos eterno?... Creio eu que, se ha impressão triste no viajar, a mais terrivel, a mais severamente amargurada é sem duvida esse adeus.

Quando o sol surgiu do oriente sobre uma nuvem branca como orlada de ouro e prata, e que se assemelhava a um rei cercado de magestade e sentado no seu throno, havia eu já passado a chacara da Agua Branca. Logo depois passei uma ponte de madeira lançada sobre o rio dos Pinheiros, e d'ahi a cousa de legua topei com um profundo atoleiro,

que quasi me fez desesperar de poder continuar a viagem.

O meu pagem vinha mais atraz com a bagagem, e como houvesse experimentado todo o atoleiro e achasse profundo, resolvi apear-me e tomar por uma campina que ficava ao lado. Assim o fiz; mas ao transpor um pequeno corrego a minha besta de montaria precipitou-se em uma desabrida desfilada, que me deixou quasi sem esperanças de a tornar a ver. A principio corri eu apoz ella, mas eram frustradas as minhas diligencias, até que deparei com um homem camponeo, serrano ou saloio como dizemos em Portugal, ou caipira e patricio como se costuma aqui dizer, e offereci-lhe uma recompensa para me ir pegaro desvairado animal. A resposta que elle me deu foi desenfilar o ponche, desenfivelar as chilenas, e tirando de cima de uma bestade carga uma comprida corda foi-a enrolando e dispondo com arte, e já de caminho para a encosta de um monte por onde andava a besta fugida, mas já um tanto sopeada.

Eu tinha já noticia da admiravel destreza de enlaçar os animaes bravos em muitos pontos do Brazil especialmente no Rio Grande, onde só tem como rivaes os gaúchos de Montevideo e Buenos-Ayres: mas a facilidade com que este caipira foi ladeando o animal, e como lhe lançou tão certamente o laço, fez-me uma bem profunda impressão.

Depois d'esta desagradavel aventura montei e prosegui a viagem. Teria eu passado o melhor de duas leguas, quando deparei com uma taberna situada á beira da estrada, e como me não conviesse esperar pelo farnel que vinha com a bagagem, entrei e pedi que almoçar, porque então a manhã já estava bastante adiantada.

Quando reparei no interior d'essa casa, que é o modelo de todas as outras que fui encontrando nas estradas, tive as mais vivas lembranças da taberna do Coelho Branco dos misterios de Pariz. Com quanto a taberneira não tivesse a hediondez da tia Poncia, com quanto os concorrentes não fossem dos da laia do Mestre-escola, do Braço-vermelho, do Churinada, da Coruja e dos outros d'essa taberna da cité de Pariz, tão poetizada por Eugenio Sue, a apparencia das crianças vestidas apenas com umas camisas?... da cor da lama em que estavam a chafurdar, os cabellos crespos e erriçados, e os rostos terrenos e pallidos d'esse grupo de figuras de diferentes idades e tamanhos reflectia-me n'alma uma imagem bastante melancolica. Fôra aqui o lugar para recommendar o fazer-se descer até aqui as vantagens de uma boa hygiene, e de bem calcu-

O MEIA CARA.

Nem Buffon nem Cuvier, nem o nosso José Saturnino, que tanta pena se deram para assignalar as qualidades de bichos, plantas e tudo o mais que fazem do mundo terraqueo uma arca de Noé, se lembraram de qualificar um animal singularmente incommodo, e, que á maneira da traça no panno, ou do cupim na madeira se intruduz na sociedade para chupar-lhe a força, e viver á custa d'ella. Essa lacuna é a que eu vou preencher a fim de que não nos aconteça como á cidade de Pariz, que deixou multiplicarem-se os ratos de forma que é o hoje impossivel extingui-los.

Fallo do *meia cara* que não é como alguém poderia pensar, uma cara partidada ao meio. O *meia cara* parece-se tanto com um homem, como um ovo com outro ovo, falla como elle, veste como elle e por vezes se destingue sobre elle: porém o *meia cara* não é homem, porque este tem o instincto do trabalho, e o *meia cara* quer que os outros trabalhem para elle: o homem ufana-se quando pode contribuir para o bem da sociedade: o *meia cara* só quer que a sociedade contribua para seu bem: o homem tem familia, amigos e patria a quem serve com empenho, o *meia cara* quer que a patria, os amigos, e a familia (quando a tem, que é raro) lhe sirva ou á sua preguiça.

Nas cousas mais pequenas da vida o *meia cara* revela seus instinctos egoistas; para ter mesa e casa, sem trabalho, elle se encosta a um amigo ou parente; se os não tem casa-se, e vae viver na casa do sogro; d'est'arte ganha trez cousas a um tempo: morada, prato e mulher. Quando não pode ou não quer casar, e não tem parentes a quem acolher-se, e que se vê consequentemente obrigado a ter casa propria, elle procura modos e geitos da comer dous ou trez dias fóra d'ella, e o chá é certo que o toma na casa de um amigo.

Na roupa tambem economisa singularmente o *meia cara*; elle compra os retalhos de fazenda, se não tem de quem possa obte-los por mimo; manda fazer as camizas e toda a roupa branca pelas primas e sobrinhas, que aliás são as suas lavadeiras gratuitas, e aos alfaiates somente dá obra de cinco em cinco annos.

O *meia cara* fuma ou toma rapé, mas sempre os seus cigarros são ruins, ou deixou a boceta escassa; serve-se pois dos charutos, ou do rapé do outros, e serve-se como de cousa alheia, fartamente.

O *meia cara* gosta de passear a cavallo, porém o d'elle está sempre na invernoada, o selim está no

corrieiro, o freio lhe foi roubado na vespera; d'essa forma tem motivo para montar o cavallo de um amigo, o qual tem de lh'o mandar arreado e prompto.

O *meia cara* tem gosto singular pelo jornaes; não tendo com que entretenha as horas d' ociosidade procura ler noticias. Elle não é assignante de nenhuma folha, porém sabe as novidades antes que os assignantes, e ainda por cima ri dos tolos que gastam para que elle se divirta.

O mesmo faz no theatro: o *meia cara* acha sempre quem o convida para o seu camarote, e se não elle proprio se convida. Aos bailes acompanha a familia de um socio, a fim de ter entrada sem dispendir um real.

Finalmente o *meia cara* vive, come, goza de todos os divertimentos e de todos os prazeres á custa dos mais: a ninguem faz beneficio e os recebe de todos, e como todos os egoistas é ingrato: volve-se contra a mão que o alimentou quando ella está vazia, e ri dos tolos que o ajudam a viver. é a sua frase favorita.

Para acabar com este animal damnhinho não serve o rosalgar, nem a *nox vomica* nos bollos de carne: é necessario fazer como com as formigas, pôr-lhe algum acido que lhe faça volver caminho, ou obstaculos materiaes que lhe atalhem o passo. Quando isto ser não possa é bom tirar-lhe o incentivo: o *meia cara* gosta de viver e comer em casa alheia, é nunca convida-lo, e se for necessario mostrar-lhe que a sua presenca não é indispensavel; o *meia cara* não quer pagar costureiras, as primas ou tias tragam diante d'elle o dedo polegar amarrado, ou queixem-se de dor de costas, em summa não podem cozer; quando o *meia cara* pedir cavallo é responder-lhe que está desferrado: quer ler jornaes? é dizer-lhe que os não receberam; pretende ir aos theatros, aos bailes etc.: é mostrar-lhe que não ha logar no camarote. Emfim applicar-lhe não antidotos, mas sim remedios homœopathicos: a sua enfermidade é o egoismo, pois com o egoismo seja elle curado.

E não ha perder tempo: a raça dos *meias caras*, vai multiplicando a toda pressa, cumpre combatel-a, aliás em poucos annos havemos de ser devorados por elle, como Job pelos vermes; as excrescencias desfiguram e debilitam as arvores: a alforra perde o trigo, a traça consome o feto, a ponilha fura os couros, os zangões chupam o mel mais puro; o *meia cara* é a excrescencia, a alforra, a traça, a ponilha, o zangão da sociedade; matemos o *meia cara*.

EXTRAVAGANCIAS DA SCIENCIA.

Conta o *Drau*, jornal de Pariz, que Alexandre Tenioni, homem de letras, natural de Constantinopla, de idade de 50 annos, foi encontrado morto em sua casa, em Pariz. Acudindo a policia e os peritos, reconheo-se que a causa da sua morte repentina fora a falta de alimentos. Alexandre Tenioni morreu de fome.

Este sabio não morreu ás mãos da miseria, porque tinha uma boa fortuna; embebido no amor da medicina esquecia-se que o homem não tem só alma; e que a parte corporea precisa de alimento, passando muitos dias consecutivos sem comer.

Estava estendido sobre um montão de livros e de manuscriptos em todas as linguas conhecidas. A casa de sua habitação estava atulhada de livros, e em certos lugares esta Babel litteraria chegava ao tecto.

Alexandre Tenioni fallava com facilidade doze linguas, e tinha conhecimento de muitas mais; exercera altos cargos e gozara de muitas honras e dignidades; tudo abandonara porem para se entregar exclusivamente á sciencia. E' impossivel descrever a desordem e confusão de seu aposento.

Pelo que toca á sua pessoa era ainda peor, havia 2 annos, que não vestia roupa lavada nem mudava de fato.

O seu corpo estava ressequido.

Encontrou-se-lhe um grande numero de objectos raros e curiosos: armas de todos os paizes do Oriente, verdadeiras laminas de Damasco, d'essas que podem enrolar-se como fita, muitas antiguidades, authographos de todos os personagens celebres, dos sabios e dos escriptores notaveis.

Pelo seu testamento deixou á biblioteca Mazzarina seis manuscriptos, que, segundo parece, são de grande preciosidade. Em quanto á sua fortuna dispoz d'ella em favor dos pobres de um convento.

REQUINTE DE CONSTANCIA.

Em Lyon de França celebrou-se ha pouco um casamento notavel: o noivo e a noiva contavam ambos 120 annos. Quarenta e cinco annos se namoraram. Quando travaram relações o homem tinha 17 annos e a mulher 18.

Sete vezes foram apregoados, e sete vezes se desmanchou o casamento por caprichos da mulher. Finalmente o marido, amolador, e contando 62 janeyros, poudo apertar nos seus braços a sua antiga namorada, que já conta 58 primaveras bem puchadas.

CORREIO AEREO.

Le-se nas folhas francezas que o Sr. Gondar, de Bordéos, affirma ter resolvido o problema da direcção dos aerostatos. Esse systema a que o inventor chama *Correio aereo*, é uma especie de balão rectangular, movido por uma machina de muita simplicidade, e trabalhando sobre um eixo aereo. Diz o Sr. Gondar que descobrio o meio de se dirigir no espaço subindo ou descendo á vontade, com uma rapidez que póde exceder cem leguas por hora, ou limitada quando quizer.

Como porêem de pouco sirva uma descoberta que não acha applicação, abrio neste sentido o Sr. Gondar uma subscrição por acções com o fim de estabelecer um serviço aereo. Bastam tres mezes pera a construcção das machinas.

REVISTA THEATRAL.

A torre de Londres.

No domingo passado representou-se com muito successo este drama, eminentemente moral, e eminentemente popular. Agradou muito; e os Srs. Motta, e Manoel Soares distinguiram-se especialmente. A peça estava bem ensaiada, e os papéis bem sabidos.

A Sra. Ludovina foi bem: a Sra. Noronha achava-se deslocada do seu character. Houve uma grande concorrência, e o drama promette ser muito concorrido na segunda representação, por que é de muito effeito artistico e moral.

Na *Rua da Lua* espirituosa e engraçada comedia o Sr. Manoel Soares obteve um legitimo triumpho artistico.

O Ernani.

Assistimos á ultima representação do *Ernani*, e sentimos dizer que não nos impressionou o todo da opera. Era a terceira representação, e ha tempos que não vimos no theatro uma vazante assim. A fóra a aria do primeiro acto, a Sra. La-Grua esteve abaixo do seu merecimento. O seu trajar, cujo primor foi tão preconizado por uma das folhas diarias, em nosso entender esteve exagerado: o vestido do terceiro acto esteve menos que mediocre. A opera não se poderá sustentar, e do novo repertorio o publico só tem apreciado o requentado *Trovador*. Os *Martyres* morreram: o *Ebru* foi de *utero ad tumulum*, o *Ernani* está em artigos de morte; mas a directoria vegeta, graças á rasteira do levantamento dos preços.